

AS METAMORFOSES DO SER: APONTAMENTOS INTRODUTORIOS SOBRE O PENSAMENTO FILOSOFICO DE NISE DA SILVEIRA

THE METAMORPHOSES OF BEING: INTRODUCTORY NOTES ON NISE DA SILVERIA'S
PHILOSOPHICAL THOUGHT

Camila Kulkamp¹

RESUMO: Meu objetivo neste texto é trazer apontamentos introdutórios sobre o pensamento filosófico desenvolvido pela filósofa e psiquiatra brasileira Nise da Silveira (1905-1999). Para tanto, primeiro exponho as críticas à tradição filosófico-psiquiátrica identificada por Nise. As ideias de René Descartes são o grande alvo. E logo após, apresento as reflexões filosóficas de Nise para uma nova compreensão filosófico-psiquiátrica, que perpassa por questões do campo da metafísica, ontologia, epistemologia, ética e estética. Nise discute, principalmente, as ideias de autores como Baruch Espinosa, Carl Jung e Gaston Bachelard, e reúne conhecimentos da filosofia, da psicologia analítica e das artes. Ao longo do texto, quatro temáticas são elencadas e discutidas: a) sobre os “estados” ou “metamorfozes” do ser e a loucura; b) sobre o conhecimento proveniente dos sentidos, da imaginação e do corpo; c) sobre os seres humanos em relação com outros seres vivos, e; d) sobre a relação simbólica entre os gatos, as mulheres e a loucura.

PALAVRAS-CHAVE: Nise da Silveira; metamorfozes; mulheres; gatos; loucura

ABSTRACT: *This text aims to bring introductory notes on the philosophical thought developed by Brazilian philosopher and psychiatrist Nise da Silveira (1905-1999). To do so, I first expose the criticisms of the philosophical-psychiatric tradition identified by Nise. René Descarte's ideas are the big target. Moreover, I present Nise's philosophical reflections for a new philosophical-psychiatric understanding, which permeates metaphysics, ontology, epistemology, ethics, and aesthetics issues. Nise mainly discusses the ideas of authors such as Baruch Espinosa, Carl Jung, and Gaston Bachelard and brings together knowledge of philosophy, analytical psychology, and the arts. Throughout the text, four themes are listed and discussed: a) about the “states” or “metamorphoses” of being and madness; b) about knowledge from the senses, the imagination and the body; c) about human beings in relation to other living beings, and; d) about the symbolic relationship between cats, women, and madness.*

KEYWORDS: *Nise da Silveira; metamorphoses; women; cats; madness*

¹ Doutoranda em filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. Integrante do projeto “Uma Filósofa por Mês”. E-mail: camila_kulkamp@hotmail.com.

1 Introdução

Nise da Silveira (1905-1999) é uma grande pensadora brasileira, cujas contribuições são pouco estudadas no campo da filosofia no Brasil. Visando atenuar essa situação, meu texto busca trazer apontamentos introdutórios sobre o pensamento filosófico desenvolvido por Nise ao longo da sua trajetória acadêmica e prática psiquiátrica. Além de fazer diagnósticos sobre problemas concernentes à conjuntura médica brasileira, Nise repensa questões, faz provocações, costura referências e propõe pontos de partida sobre temáticas filosóficas importantes.

Na primeira parte do texto, apresento um panorama das críticas que Nise realizou às tradições filosófica e psiquiátrica, e as ideias de René Descartes são o grande alvo. Na segunda parte do texto, traço um delineamento propositivo das suas reflexões filosóficas. Por isso, delimito e discorro sobre quatro temáticas pensadas por Nise: a) sobre os “estados” ou “metamorfozes” do ser e a loucura; b) sobre o conhecimento proveniente dos sentidos, da imaginação e do corpo; c) sobre os seres humanos em relação com outros seres vivos, e; d) sobre a relação simbólica entre os gatos, as mulheres e a loucura.

Certamente Nise não estava preocupada em criar uma teoria filosófica sistemática, aquilo que ainda é considerado como a filosofia *hard* no seu *mainstream* ou *malestream*². Nise utilizava outro critério para o fazer filosófico. Ela se considerava, ao estudar de forma não sistemática a filosofia de Espinosa, como uma “diletante”³, “no sentido de gostar, de sentir fascínio por aquilo de que a pessoa se ocupa. Não levianamente, ao contrário, muito a sério e com muito prazer” (SILVEIRA, 1995, p. 52).

Enquanto pensadora do seu tempo, tomo a liberdade de considerar Nise como uma filósofa-psiquiatra⁴ que consegue identificar as questões filosóficas que estavam em jogo na sua prática psiquiátrica e traçar uma linha de raciocínio inovadora, que entrelaça conhecimentos da filosofia, da psicanálise e das artes.

² Enquanto “*mainstream*” denomina o pensamento predominante e amplamente difundido, “*malestream*” é um termo cunhado por teóricas feministas para denunciar um certo tipo de conhecimento e pesquisa desenvolvidas por homens que assumem, na aparência, o viés universal dos seres humanos, mas na verdade, expõe uma perspectiva masculina acrítica.

³ Nise, como tantas outras mulheres, pede licença, a sua maneira, ao escrever sobre filosofia. Um campo do conhecimento que, em grande parte da nossa história ocidental, apagou a filosofia escrita por mulheres e foi dominado por homens.

⁴ Tomo emprestado o termo de Pedro Rhavel, quem participou de uma live sobre a vida e o pensamento de Nise da Silveira realizada pelo projeto Uma Filósofa por Mês. A live pode ser acessada no link: https://www.youtube.com/watch?v=W_uCQ_wEip4

Desde logo, destaco que não tenho como exaurir, nesta exposição, o pensamento de Nise. Meu objetivo se resume em traçar um panorama do seu pensamento e cogitar possíveis implicações filosóficas. Ademais, entendo que o texto também é audacioso por pretender abarcar muitas áreas da filosofia, o que pode prejudicar a coesão das ideias. Porém, me atrevo a fazer esse exercício introdutório como um passo para o meu processo de organização e entendimento do pensamento de Nise da Silveira, e também para fomentar o interesse filosófico sobre as suas ideias. E, ainda, por eu estar situada no campo da filosofia, entendo que meu texto também segue um foco mais filosófico e menos atento às questões da psicologia analítica.

2 Algumas críticas de Nise da Silveira às tradições filosófica e psiquiátrica.

Ao iniciar a sua prática psiquiátrica no Brasil, Nise fica estarelecida com os tratamentos violentos recomendados pelos médicos da sua época e passa a buscar fundamentos filosóficos que lhe possibilitassem um olhar diferente sobre o ser humano. No meio dessa busca filosófica, Nise identifica no legado das ideias de René Descartes um impacto negativo, especialmente, sobre a medicina e a psiquiatria modernas.

Nise faz duras críticas⁵ ao filósofo e expõe como tais ideias repercutiram de forma prejudicial em alguns âmbitos da sociedade. Essas críticas podem ser observadas a partir de quatro pontos principais da filosofia cartesiana: a) o privilégio do pleno poder da razão; b) a separação corpo-mente; c) o desprezo pelo corpo, e; d) o desprezo pela imaginação, pelos sentidos e sentimentos.

As influências desse legado levaram a uma concepção empobrecida de quatro aspectos importantes que, segundo a minha interpretação do pensamento de Nise, permeiam, principalmente, três grandes campos da filosofia, a ontologia (e a metafísica), a estética (e a epistemologia) e a ética. Esses quatro aspectos que foram empobrecidos são: a) o entendimento acerca dos “estados” ou “metamorfoses” do ser humano, e especialmente, sobre a loucura; b) o conhecimento proveniente dos sentidos, da imaginação e do corpo; c) as relações dos seres humanos com outros seres, e; d) uma consciência intuitiva e religiosa sobre a unidade de toda a vida.

⁵ Essas críticas podem ser encontradas nas obras: *A Farra do boi* (1989); *O mundo das imagens* (1992); *Cartas a Spinoza* (1995); *Gatos: a emoção de lidar* (1998) e nas entrevistas com Nise, que estão no livro *Encontros: Nise da Silveira* (2009).

Segundo Nise, o legado da filosofia cartesiana ajudou a privilegiar a ideia de que a razão é um atributo universal e necessário do ser humano e que a perda da razão é também a perda da condição humana. E que o pensamento racional é expresso por meio da linguagem verbal equiparada ao raciocínio lógico⁶ e a utilização de palavras e conceitos, enquanto os sentimentos, as sensações, e formas não verbais de se relacionar entre os seres proporcionam desvios da realidade.

Nise critica a predominância da formação cartesiana dos cientistas e aponta que as universidades ensinam a filosofia de Descartes e sua perspectiva sobre os seres vivos há mais de trezentos anos. Na obra *Cartas a Spinoza* (1995), ela conta que na sua própria formação em medicina no Brasil teve que fazer “o estudo das peças componentes das engrenagens da máquina que seria o corpo humano” (SILVEIRA, 1995, p. 51).

A separação da *res cogitans* (espírito) e da *res extensa* (matéria) na filosofia cartesiana⁷ é identificada por Nise como uma das principais ideias que fundamenta a noção moderna de que o corpo humano é uma máquina complexa e que as doenças seriam o resultado de perturbações no funcionamento dos mecanismos que compõe essa máquina. Ela expõe, em várias obras⁸, como a definição do corpo humano possui reverberações nas relações éticas, políticas e nas práticas médicas da sociedade ocidental e também no Brasil. A partir da comparação do corpo com a máquina, a função do médico é igual a de um mecânico que atua sobre os meios físico-químico para consertar a máquina.

Existe uma “muralha cartesiana” que aprisiona a psiquiatria na esfera do pensamento racional, das palavras e do corpo-máquina. Ela chama essa prática psiquiátrica como “psiquiatria

⁶ É interessante como a crítica de Nise pode ser relacionada com a reflexão das epistemólogas feministas Vrinda Maldmiya e Linda Alcoff em “*Are ‘Old Wives’ Tales’ Justified?*” (1993). Maldmiya e Alcoff discorrem sobre como a epistemologia tradicional privilegia o conhecimento proposicional ou o “saber que”, o que gera uma discriminação epistêmica e subordinação sobre o “saber como”. As autoras também enxergam as ideias de Descartes como paradigmáticas para o estabelecimento desse tipo de epistemologia, que cria uma hierarquia no conhecimento e perpetua a superioridade da mente sobre o corpo e do mental sobre o manual. Como exemplo, Maldmiya e Alcoff discutem acerca do conhecimento das parteiras em comparação com as técnicas invasivas criadas, na época, por médicos homens (obstetras profissionais).

⁷ É importante frisar que o que está exposto no texto é a interpretação de Nise da Silveira sobre a filosofia cartesiana e existem outras interpretações sobre as implicações do dualismo cartesiano, o que não é objeto de discussão neste trabalho. Talvez, Nise não tenha considerado essas possíveis interpretações.

⁸ Ver *Imagens do inconsciente* (1981); *O mundo das imagens* (1992); *Cartas a Spinoza* (1995) e *Gatos: a emoção de lidar* (1998).

descritiva”⁹, “organicista”¹⁰ ou “tradicional”¹¹, e entende que tal prática se limita a identificar e descrever sintomas principais e acessórios da doença. Na modernidade, quando a loucura passa a ser objeto de estudo, a razão enquanto psique é entendida como mero epifenômeno, ou seja, um fenômeno acessório da máquina cerebral, que se torna o foco dos estudos médicos.

A ideia predominante era de que a máquina cerebral em mau funcionamento deveria ser consertada e colocada de volta nos “trilhos da razão”. A/o louca/o é a pessoa que “perde a razão” e o médico é o “representante da razão”. Nise reconhece que existem doenças que possuem, de fato, causas orgânicas, mas muitos transtornos psíquicos escapam ao modelo médico que construiu a ideia da loucura como doença ou patologia.

Nise reprova e se recusa a executar alguns tratamentos psiquiátricos utilizados para tratar a loucura na modernidade, como o eletrochoque¹², a injeção de insulina¹³, as lobotomias¹⁴, o isolamento e os excessos medicamentosos, pois via neles meios violentos que tinham efeitos deletérios sobre a saúde humana. Ela afirma que esses tratamentos fazem homenagem a Descartes, pois partem do pressuposto de que tais pessoas sejam desprovidas de razão. Tal “tratamento” procura trazer o indivíduo à razão através da violência (como quando batem nos cachorros com varas para ficarem disciplinados). Nise se deteve, especialmente, no estudo sobre a esquizofrenia e

⁹ Psiquiatria “descritiva”, “organicista” e “tradicional” são termos presentes nas obras *Imagens do inconsciente* (1981); *O mundo das imagens* (1992) e *Cartas a Spinoza* (1995).

¹⁰ Entendo que o sentido do termo “orgânico” parece estar menos ligado à ideia de um trabalho harmônico de um organismo e mais relacionado à ideia de corpo-máquina ou de fisicalidade.

¹¹ O termo “tradicional” parece ser utilizado para denominar a psiquiatria institucionalizada, as práticas dominantes da época, e menos no sentido de uma tradição popular.

¹² Entendia-se que os pacientes epiléticos que tinham convulsões não sofriam com a psicose e por isso começaram a relacionar as convulsões com um possível tratamento direcionado à psicose. Nise conta que o psiquiatra italiano Ugo Cerlleti visitou um matadouro de porcos em Roma e viu que os porcos levavam choques antes de serem abatidos, e através dos choques os porcos tinham convulsões. Cerlleti concluiu que poderia provocar convulsões em humanos, sem matá-los, por meio de correntes transcerebrais. Com o tempo, o eletrochoque foi renomeado para eletroconvulsoterapia e sofreu modificações. Hoje em dia, é utilizado sob condições mais controladas e com anestesia para o tratamento de patologias resistentes à medicação.

¹³ Outro tratamento da época era injetar insulina na pessoa até ela entrar em coma por hipoglicemia. Acreditava-se que haveria uma recuperação das faculdades mentais dos psicóticos após o coma com a insulina. Esse tratamento foi desenvolvido pelo psiquiatra polonês Manfred Sakel e caiu em desuso depois que estudos mostraram que a recuperação era temporária.

¹⁴ A lobotomia foi desenvolvida pelo médico português António Egas Moniz, que recebeu um Nobel pelo trabalho. Trata-se de uma cirurgia que separa as conexões entre os lobos frontais e o cérebro. Acreditava-se que o procedimento melhorava os sintomas de patologias psiquiátricas graves. Posteriormente, tal cirurgia entrou em desuso por gerar efeitos severos e irreversíveis.

criticou a psiquiatria tradicional que considerava a psicose como uma doença caracterizada por uma ruína psíquica progressiva, um estado de decadência.¹⁵

Por recusar tais tratamentos violentos, Nise foi transferida para a seção de terapia ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II. O status da terapia ocupacional¹⁶ pelo ponto de vista da psiquiatria era definido como algo marginal e auxiliar. O trabalho da terapia ocupacional que existia antes de Nise chegar neste hospital era limitado a qualquer atividade que ocupasse o tempo da/o paciente, como varrer e limpar sanitários. Tais atividades não faziam parte de um tratamento específico, mas visavam a produtividade da economia hospitalar.

Essa mesma psiquiatria entendia que as pinturas criadas por esquizofrênicas/os nas atividades terapêuticas eram limitadas a formas abstratas, estilizadas e geométricas, e que excluía a figura humana e as formas orgânicas. E isso seria característico de um processo regressivo vivido pelas/os esquizofrênicas/os que iria do esfriamento da afetividade até a dissolução da realidade. Essa forma de expressão era considerada inferior e regressiva, pois seria a demonstração da perda de inteligência.

Segundo Nise, os psiquiatras denominavam a expressão artística dos esquizofrênicos como uma “arte psicótica ou psicopatológica”, uma arte que continha apenas os reflexos da “ruína psicológica”. Esse tipo de discurso estava pautado em uma compreensão filosófica sobre a estética, a ontologia e a ética que determinava que as pessoas loucas, adoecidas, embrutecidas, sem razão, só podem expressar algo que é também adoecido, algo que não tem valor estético.

Especialmente na obra *O mundo das imagens* (1992), há uma consideração sobre o rebaixamento da compreensão das imagens, da imaginação e da linguagem não verbal e de outras formas de saber, como o estudo dos símbolos e dos mitos. A tradição da qual Descartes é grande expositor considera a imaginação e as imagens como algo que deturpa a experiência do real. Isso gerou um distanciamento das formas de saber e lidar com os afetos, as emoções e o corpo, e

¹⁵ Nise explica que o psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuer já havia mudado o nome da doença “demência precoce” para “esquizofrenia”, porque já não via uma perda quantitativa das funções psíquicas. Mas para Nise, essa percepção ainda não havia sido assimilada pela psiquiatria da época.

¹⁶ A ideia da “atividade como terapia” vem desde a antiguidade, em que vários tipos de atividades foram propostos como forma de melhorar a saúde e bem-estar dos doentes. Nos séculos XVIII e XIX, a atividade com forma terapêutica no tratamento de doenças mentais foi institucionalizada nos hospitais e hospícios. Philippe Pinel e William Tuke são reconhecidos como pioneiros na área. Era comum pensar que a prática de bons hábitos levava à reabilitação moral do indivíduo. E muitas vezes essas atividades diferiam de acordo com a posição social ou classe dos pacientes. Contudo, com o crescimento da medicalização e da lobotomia, a terapia ocupacional perdeu o seu espaço no tratamento das doenças mentais.

consequentemente, promoveu um distanciamento também das formas de ser e estar no mundo que não podem ser compreendidas pela linguagem verbal e/ou lógica.

Já em uma análise mais ampla das relações políticas, Nise identifica o que denomina como “a indústria da loucura”¹⁷, que surge com a patologização da loucura e a medicação excessiva na prática psiquiátrica na modernidade. Nesse âmbito, ela reconhece o interesse e o lucro das poderosas multinacionais produtoras de psicofármacos, com suas “camisas de força químicas” e estabelecimentos psiquiátricos particulares que apostam em tratamentos superficiais e na re-hospitalização.

“Fábrica da loucura” também é um termo utilizado por Nise para falar sobre a pressa que os psiquiatras têm em patologizar e hospitalizar as pessoas que não se adaptam às normas sociais vigentes, sem investigar os motivos familiares, afetivos e econômicos que incidem na vida dessas pessoas. Muitos “mendigos”¹⁸ são egressos de hospitais psiquiátricos. Muitas pessoas buscam a reinternação para ganhar um prato de comida. Em *Imagens do inconsciente* (1981), ela explica que a loucura é um fenômeno social¹⁹ e não algo isolado no organismo humano. “A loucura acontece *entre* os homens (sic), isto é, na sociedade. O louco é o inadaptado à ordem social vigente” (SILVEIRA, 1981, p. 104).

Nise identifica que quando a/o “doente” cai na “malha do hospital psiquiátrico”, entre as suas idas e vindas nos altos índices de reinternações, a pessoa vira um/a “paciente”, uma peça na engrenagem na fábrica da loucura. O termo “paciente”, atribuído às pessoas diagnosticadas, é criticado por Nise. Ela entende que quem deve ter paciência e ser reconhecido como a “pessoa que espera” na relação médica/o-paciente deve ser a/o própria/o médica/o.

Nise prefere a utilização do termo “clientes”, pois entende que o seu trabalho é uma prestação de um serviço. Aqui também está embutida uma crítica à temporalidade que perpassa o espaço do hospital, que retira das/os clientes aspectos que marcam a sua subjetividade, tratando-as/os como meros objetos. A crítica ao “espaço” da arquitetura hospitalar também não a escapa. Nise afirma que a psiquiatria tradicional não tem interesse sobre os problemas do espaço. Isso se reflete na arquitetura fria e rígida dos hospitais e “dá suporte e reforça ao medo, ao sentimento de estar isolado de tudo” (SILVEIRA, 1981, p. 34).

¹⁷ A partir daqui, poderíamos relacionar as reflexões de Nise com as ideias expostas por Michel Foucault, por exemplo, nas obras *História da loucura na Idade Clássica* (1961), *O nascimento da clínica* (1963) e *Microfísica do Poder* (1979).

¹⁸ Coloco entre aspas os termos tal como eles são empregados por Nise.

¹⁹ Apesar de o ponto de vista social ser importante, Nise se interessa mais pelo estudo do mundo intrapsíquico.

Nise também reconhece, a partir do âmbito brasileiro, que o poder do sistema capitalista incide de forma mais forte e violenta sobre as/os habitantes do “terceiro mundo”, especialmente a partir da “prática da tortura como método comum de atuação” (SILVEIRA, 1981, p. 114) e da atuação de “órgãos repressores” contra movimentos que se opõem ao domínio capitalista.

Nise nomeia o sistema capitalista como o “modelo inumano de uma sociedade dividida em classes” (SILVEIRA, 1981, p. 114) e afirma ser uma exigência evidente que a revolução social ocorra ao nível econômico. Mas esta revolução em busca de um novo tipo de sociedade não pode se dar unilateralmente apenas com métodos racionais, como almeja o socialismo científico, mas sim, com o afinamento da sensibilidade, já que a razão e o sentimento fazem parte da complexa natureza humana.

Por fim, a racionalidade não se tornou o parâmetro usado apenas nas relações humanas, mas também para determinar as relações com não-humanos e afirmar a inferioridade dos animais, colocando os humanos numa posição superior aos outros seres vivos, e justificando a ideia de que o homem pode dispor como bem entender da vida animal e da natureza em geral.

Nesse sentido, Nise destaca que Descartes comparou o corpo humano ao corpo dos animais, e ao equiparar o corpo à máquina, Descartes também assinala a inferioridade dos animais por não possuírem alma. Em sentido contrário a Descartes, Nise escreve algumas obras visando construir uma posição crítica sobre a relação dos seres humanos com outros seres vivos, especialmente os animais não-humanos.

Na obra *A Farra do boi* (1989), Nise propõe uma reflexão ética sobre as práticas cruéis em relação aos bois que ocorriam no litoral do estado de Santa Catarina na década de 1980. Ela enxerga nos defensores de tal “prática cultural” a influência do pensamento cartesiano. Descartes afirma que os corpos dos humanos e dos animais são máquinas semelhantes, mas se diferenciam em dois aspectos: a) a máquina animal não usa palavras para exprimir pensamentos e sentimentos, e; b) a máquina animal não age com conhecimento, mas somente pela disposição dos seus órgãos. Por não ter alma, razão ou sentimentos; por ser equiparado a uma máquina ou um objeto, os gritos e gestos do animal, como os sons emitidos pelo boi torturado na Farra do Boi, são considerados apenas “movimentos orgânicos” e isso faz com que as expressões de sofrimento dos animais não tenham nenhuma relevância.

Ao expor traços autobiográficos nas cartas fictícias que escreveu para o filósofo Baruch Espinosa (1995), Nise retoma essa mesma explicação sobre Descartes e relembra a primeira vez que

leu o *Discurso sobre o método* quando era jovem. Após ler o livro ela descreve que teve o seguinte pensamento: “Jamais admitiria que meus queridos cães Top e Jiqui fossem incapazes de pensar e de sentir. Entre nós três, compreensão e afeto se encontravam estreitamente, num relacionamento profundo” (SILVEIRA, 1995, p. 51).

Outro ponto interessante comentado por Nise, é quando cita a prática de vivissecção de rãs, comum na sua época de estudante, também devido à influência da formação cartesiana nas faculdades de medicina. Com essa prática se buscava estudar a máquina, o corpo vivo do animal em pleno funcionamento. Nas palavras de Nise:

Uma rã foi distendida e pregada pelos quatro membros (crucificada) sobre placa de cortiça e o peito aberto cruamente para que vissemos seu pequeno coração palpitando. Os olhos da rã estavam esbugalhados ao máximo e pareciam perguntar-nos: por que tanta ruindade? Para nada. Ninguém aprendeu coisa alguma naquela estúpida aula (SILVEIRA, 1995, p. 50).

Já em *Gatos: a emoção de lidar* (1998), Nise também comenta sobre a arrogância humana em relação aos demais animais, derivada da influência cartesiana, ao discorrer sobre os gatos, seus simbolismos e através de diversas narrativas que ela mesmo criou sobre os felinos, expondo a sua paixão pelos gatos. Ela recorda que Michel de Montaigne, filósofo francês contemporâneo de Descartes, pensava de forma muito distinta em relação aos animais, e especialmente, quanto aos gatos.

3 Sobre os estados ou metamorfoses do ser e a loucura.

Nise recorre à filosofia de Baruch Espinosa para contrapor à filosofia cartesiana. A maior parte das suas considerações sobre este filósofo estão expostas na obra *Cartas a Spinoza*²⁰. É verdade que Nise não aderiu a toda filosofia de Espinosa, existem dois aspectos em que ela busca outras referências para além de Espinosa e serão apontados posteriormente (estes dois aspectos se relacionam, justamente, com a estética e com a ética). No entanto, Nise reconhece em Espinosa uma metafísica e ontologia que estão anos-luz à frente de Descartes.

²⁰ Para um resumo e reflexões sobre a obra, ver o artigo “Apaixonados pelo infinito: Nise da Silveira, contemporânea de Spinoza” (2010) de Walter Melo; no artigo “Nise da Silveira, Filósofa da Alma” (2014), de Lucio Lauro Salles, também há reflexões sobre a obra supracitada; eu também fiz um breve resumo dessa obra, que pode ser acessado em: <https://germinablog.wordpress.com/2021/08/27/um-breve-resumo-da-obra-cartas-a-spinoza-de-nise-da-silveira/>.

Nise admira a intuição da totalidade e o posicionamento monista de Espinosa, contrário ao dualismo cartesiano. Espinosa postula que o pensamento e a extensão são dois atributos (entre muitos atributos que nós, humanos, desconhecemos) da Substância única, sendo, também, imanentes. Aqui a matéria possui natureza divina tanto quanto as ideias. Tudo o que existe são *modos* ou modificações dessa Substância única. Nise destaca que o psiquiatra suíço Carl Jung também assinalou algo semelhante: “psique²¹ e matéria são dois diferentes aspectos de uma e mesma coisa²²” (JUNG apud NISE, 1995, p. 49).

Neste sentido, o corpo não é uma máquina, não é um objeto inferior e muito menos são os fenômenos da psique humana. E o primado da razão absoluta na filosofia cartesiana dá lugar a uma razão que divide o seu reino com o corpo. Enquanto filósofa-psiquiatra, Nise está interessada justamente em fazer conexões entre o corpo e a psique²³.

Com base nos estudos de Walter Bernard, Nise também identifica algumas semelhanças teóricas entre a filosofia de Espinosa e a psicanálise freudiana. Citarei apenas duas aqui²⁴: a) a ênfase de Espinosa no conceito de apetite enquanto essência humana, que se aproxima do conceito de libido (pulsão inconsciente básica), e; b) o destaque à ignorância humana das causas dos apetites em Espinosa também é semelhante à ideia da psique inconsciente freudiana.

Existem outras semelhanças entre a filosofia de Espinosa e a psicanálise freudiana que Nise apenas menciona. Ela também destaca como Espinosa pensa de forma muito próxima ao tratamento psicanalítico moderno em relação às perturbações dos estados afetivos, pois ele entende que o sentimento deixa de ser uma paixão perturbadora quando temos uma ideia mais clara e distinta do mesmo. E que a razão tem um papel especial nesse processo (e, portanto, ela não é abandonada), pois deve se interpor entre o desejo e a ação.

Mas retorno à relação entre a psique e o corpo, pois é aqui que reside a questão ontológica enfatizada por Nise. Quando não há mais o primado absoluto da razão comandando as ações e

²¹ Segundo Nise (2009), o conceito de psique abarca as seguintes determinações: tem no seu centro o Self (si-mesmo) e na sua parte consciente encontra-se o ego. Conforme a psicanálise junguiana, está relacionado à psique: a sombra, que forma o lado obscuro do inconsciente individual; o oposto, o princípio masculino na mulher (animus) e o princípio feminino no homem (anima); e o inconsciente profundo (coletivo).

²² Nise (1992) explica que Jung defendeu a identidade entre matéria e psique, bem como, a unidade psicofísica de todos os fenômenos. Para explicar a relação entre os fenômenos psicofísicos, Jung postulou um princípio de conexão acausal. O princípio da sincronicidade serve, então, para tratar da coincidência de dois acontecimentos sem relação causal, mas que possuem significação idêntica.

²³ Para mais relações entre a psique e o corpo, considero importante citar o trabalho de aproximação do pensamento de Nise com a psiquiatria fenomenológica, escrito por Karoline Schleder e Adriano Holanda, “Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico” (2015).

²⁴ As outras semelhanças teóricas podem ser encontradas na obra *Cartas a Spinoza*.

domando os sentimentos humanos, a compreensão do que é o ser humano perde a sua estabilidade. A partir daqui, Nise postula ser preciso desvendar o ser numa espécie de “arqueologia” para reconhecer as transformações e a profundidade da psique. Como Espinosa era um filósofo mais interessado na diferenciação do ser humano enquanto um ser racional²⁵, Nise utiliza outras referências que permitem que ela exemplifique o drama ontológico.

Antonin Artaud foi um poeta, dramaturgo francês, ligado aos movimentos surrealista e comunista, e que foi diagnosticado como louco e internado em vários manicômios. Nise faz uma reflexão com base em uma frase de Artaud, quem escreveu que “o ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos”²⁶ ao falar sobre o pintor surrealista Vitor Brauner.

Nise entende que Artaud conseguiu expressar a experiência esquizofrênica a partir dessa frase, e assim, ela a utiliza para explicar que os psicóticos vivem diferentes e perigosos estados do ser; e diferentemente do que propunha a psiquiatria tradicional, não são estados humanos inferiores carregados de juízos morais negativos, não são pessoas degeneradas. Nise chega a dizer que tal como Espinosa, Antonin Artaud teve uma experiência da totalidade a partir de uma apreensão imediata e intuitiva. Foi assim que Artaud pode conhecer “o ser da abelha”²⁷. Assim Artaud disse: “Eu vi um Ser, o da abelha viva, isso me basta para sempre” (SILVEIRA, 1995, p. 41).

Todos/as nós vivemos “metamorfozes do ser”, cada um, a sua maneira, mais ou menos intensa. Existem experiências intensas e dolorosas que provocam metamorfoses nos estados humanos. Nas palavras de Nise, “alguém que viu um naufrágio, um incêndio, a prisão, a tortura, não pode mais ser o mesmo indivíduo, sofre transformações” (SILVEIRA, 2009, p. 92). Para além dessas experiências, pensamentos e delírios sobre metamorfoses do corpo humano em corpo animal não-humano, vegetal ou mineral também não são raros. Nesse âmbito da “metamorfose ontológica” está implicada uma reflexão sobre uma metafísica imanente, pois Nise chega a considerar “o laço secreto que une na profundeza todas as coisas – pedra, vegetal, animal, homem (sic), deus”

²⁵ Este ponto será abordado com mais detalhes no tópico 5.

²⁶ Nise explica em uma entrevista presente no livro *Encontros: Nise da Silveira* (2009), organizado por Luiz Mello, que encontrou essas palavras de Artaud folheando antigas revistas de arte em uma livraria e que passou a usar essa expressão para abordar a dramaticidade de estranhas vivências, como “certos acontecimentos terríveis que podem ocorrer na profundeza da psique, avassalando o ser por inteiro. Descarrilhamentos e metamorfoses do corpo; perda dos limites da própria personalidade; estreitamentos angustiantes ou ampliações espantosas do espaço; caos; vazio; e muitas mais condições subjetivamente vividas que a pintura dos internados de Engenho de Dentro tornavam visíveis” (SILVEIRA, 2009, p. 80).

²⁷ Aqui podemos fazer uma relação entre as provocações de Nise e os *Animal Studies* (Estudos Animais) que abordam a fronteira entre o ser humano e o ser animal, para além do antropocentrismo e do especismo.

(SILVEIRA, 1992, p. 142); uma provocação de Nise, para considerarmos os corpos de diversos seres de forma menos hierárquica e mais interrelacional.

A filósofa-psiquiatra prefere, então, nomear as doenças mentais como “estados do ser” ou “metamorfoses do ser”, evitando, assim, uma valoração moral e política negativa sobre a instabilidade ontológica humana. Nise relata em *Cartas a Espinosa*, que chegou a sonhar com Espinosa e que a imagem dele não lhe apareceu muito nítida, mas ele comunicou-lhe que: “A loucura é a pior forma de escravidão humana”²⁸ (SILVEIRA, 1995, p. 85). A partir disso, ela expõe que a loucura vem do acorrentamento a uma paixão ou ideia e acrescenta que “é [a] fixação na visão de imagens horrendas ou belas, um emaranhamento num espaço e tempo imutáveis” (SILVEIRA, 1995, p. 86).

A perda de controle sobre as metamorfoses do ser determina o fator patológico. A esquizofrenia, seria, portanto, mais um estado do ser. “A grande diferença está em que o psicótico não pode integrar esses conteúdos, mas, ao contrário, é dominado por eles” (SILVEIRA, 1992, p. 87). E essa concepção da loucura enquanto estados do ser estaria próxima na ideia de “insegurança ontológica” da condição psicótica defendida pelo psiquiatra escocês Ronald Laing, quem argumentou em prol de um olhar existencial da loucura enquanto uma forma de ser no mundo e quem Nise considera que apresentou uma visão não ortodoxa da loucura²⁹.

De forma similar a Espinosa e suas concepções acerca dos afetos, Nise define que as metamorfoses felizes são aquelas que promovem o aumento da vitalidade humana e as metamorfoses vividas na angústia representam um apagamento dessa vitalidade. Essa concepção orienta o papel da/o terapeuta: procurar trazer a pessoa de um estado estranhíssimo para um estado mais comum. E como fazer isso, exatamente? Talvez algumas respostas estejam no tópico seguinte.

4 Sobre o conhecimento proveniente dos sentidos, da imaginação e do corpo.

²⁸ Para entender melhor esta comparação, ver a aproximação entre as ideias de Espinosa e Jung no pensamento de Nise, especificamente, a construção da personalidade consciente e o processo de individuação, exposto por Melo (2010). Melo também traz neste mesmo trabalho algumas divergências teóricas entre Jung e Espinosa. Outro artigo que trata sobre as aproximações entre as ideias de Jung e Espinosa no pensamento de Nise é “A arte da diferenciação do modo humano. Nise da Silveira: o elo perdido entre duas tradições” (2021) de Erick Miranda de Sousa.

²⁹ Gabriel e Teixeira explicam que para Laing, a psicose é uma forma de alienação do ser que se sente ontologicamente inseguro: “A pessoa ontologicamente insegura tem uma percepção fragmentada do seu self e questiona-se a três níveis: sobre a sua existência, sobre a sua essência e sobre a sua identidade. Com estas inseguranças, as relações interpessoais e intrapessoais podem ser interpretadas como ameaçadoras e tendem a ser evitadas com uma finalidade de auto-preservação” (GABRIEL e TEIXEIRA, 2008, p. 663).

Com Espinosa, Nise consegue dar destaque ao conhecimento intuitivo, o que permite uma via de acesso ao estudo do inconsciente. Nise não considera Espinosa um racionalista, neste aspecto, por que ele estabelece como terceiro gênero do conhecimento “a apreensão imediata das coisas” (SILVEIRA, 1995, p. 41) e coloca na base da sua filosofia premissas intuitivas, como a Substância única.

Em *Cartas a Spinoza*, Nise também discorre sobre como Espinosa distingue em sua filosofia diferentes tipos de configurações de imagens, como: as imagens que derivam de perturbações do corpo, as imagens exteriores e as imaginações do espírito. Ao discorrer sobre essa classificação de Espinosa, Nise critica a filosofia cartesiana:

Pensar, formular, conceitos expurgados de qualquer infiltração do imaginário, seria a atividade por excelência para os dignos herdeiros de Descartes. Entretanto será forçoso reconhecer que tal depuração completa do pensamento lógico nunca foi possível (SILVEIRA, 1992, p. 82).

Seguindo a sua reflexão, Nise levanta a seguinte questão: é possível traduzir a “linguagem do imaginário”³⁰ em termos racionais ou não? A sua resposta é que o produto da imaginação não pode ser reduzido a termos racionais, e o pensamento racional e a imaginação possuem, cada um, uma ordem e produtividade peculiar. Aqui Nise busca a ajuda de Carl Jung para conseguir ir além das ideias expostas por Espinosa acerca da imaginação e das imagens.

Nossos corpos possuem uma força criadora, produzem e modificam imagens, e também são invadidos por imagens na vida cotidiana, seja pela televisão, cinema, vídeo ou computação. Contudo, a imaginação e a imagem são malvistas pela tradição filosófica e psiquiátrica, como algo instável, imperfeito e enganoso. Indo na contramão, Nise busca aprofundar a relação entre a imaginação e o inconsciente a partir da ideia de metamorfoses do ser. Ela afirma que a “metamorfose permeia todas as áreas da produção imaginativa do homem” (SILVEIRA, 1992, p. 142). Na esteira da metamorfose ontológica existe um corpo inundado e criador de imagens.

A imaginação está mais próxima do inconsciente do que a ordem racional. E apesar de a ciência trabalhar com a diferenciação dos reinos da natureza, vegetal, animal e mineral, existe uma peculiaridade que marca o inconsciente:

³⁰ Nise utiliza os termos “imaginação”, “imagem” e “imaginário” a partir de variadas referências teóricas, mas não apresenta uma discussão conceitual pormenorizada sobre esses termos. Ao longo da exposição das ideias de Nise, procuro comentar as referências que considero principais, como Espinosa, Jung e Bachelard, e citar outras mais secundárias.

(...) no inconsciente esses procedimentos de discriminação e ordenação valem muito pouco. Não há fronteiras impossíveis de se transpor entre os reinos da natureza. As formas das coisas não têm limites precisos. São mutáveis a cada instante, seguindo movimentos dirigidos por forças insubmissas às regras estritas do pensamento racional. O próprio homem (sic) ora se superpõe, ora se confunde com a natureza (SILVEIRA, 1992, p. 141).

Por estarem mais próximas do inconsciente, as imagens formam uma ponte de comunicação com o mundo intrapsíquico. Nise se fundamenta nas reflexões de Jung de que a psique possui a peculiaridade essencial de configurar as imagens das suas atividades. E explica que a dificuldade em entender as imagens não deriva do fato delas serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas, sim, por possuírem uma linguagem peculiar, um valor em si mesmas, que não pode ser reduzido ou traduzido pela linguagem verbal³¹.

“Não existe apenas o pensamento racional. Há também um tipo de pensamento em imagens, em símbolos imemoriais” (SILVEIRA, 1992, p. 86). A partir deste excerto, entendo que o “pensamento em imagens” possui uma importância epistemológica no pensamento de Nise. Quando não consideramos o primado da razão absoluta, quando o inconsciente, a imaginação e o corpo entram em cena, é possível afirmar a existência de uma forma de conhecer e se relacionar (não só quanto aos fenômenos derivados do inconsciente), que perpassa por uma compreensão imaginativa e uma linguagem não verbal.

Nise distingue as imagens internas, fruto do trabalho imaginativo do inconsciente e também da consciência, “constelados por experiências vividas pelo indivíduo” (SILVEIRA, 1992, p. 82); e as imagens externas, provenientes do sentido da visão de um corpo. Não existe superioridade ontológica entre as imagens (apesar de que para a filosofia canônica, muitas vezes, esse não seja o caso), isso porque as imagens internas, do ponto de vista das experiências psíquicas, podem ser mais importantes que as externas.

Outro aspecto abordado por Nise tem a ver com a relação entre as imagens e a relação espaço-tempo. A percepção interna do espaço e do tempo é negada e patologizada pela visão de mundo cartesiana-newtoniana. Segundo Nise, Paul Bleuler, Carl Jung, Hermann Minkowski e psiquiatras existencialistas apontaram para a necessidade de atentar para a percepção temporal interna de uma pessoa e a relação do tempo³² com os afetos, pois a desorientação temporal externa

³¹ Neste aspecto, Nise critica a psicanálise de Sigmund Freud, que “rebaixa os produtos da imaginação e dirige sua técnica no sentido de traduzi-lo em linguagem verbal. É que ele permaneceu fiel às concepções filosóficas do fim do século XIX, racionalistas inveteradamente” (SILVEIRA, 2009, p. 38).

³² Jacileide Guimarães e Toyoko Saeki (2007) abordam essa questão no artigo intitulado “Sobre o tempo da loucura em Nise da Silveira”.

pode advir de uma estagnação em uma dada situação afetiva ou ideia. Isso quer dizer que a afetividade também modifica as vivências do tempo. Nise consegue averiguar nas pinturas das/os suas/seus clientes a construção de narrativas das suas experiências afetivas e essas narrativas mostram uma relação com a percepção temporal interna; “se examinadas em séries, revelam a repetição de motivos e a existência de uma continuidade no fluxo de imagens do inconsciente” (SILVEIRA, 1992, p. 18).

Através das imagens podemos também distinguir variadas vivências sobre o espaço onde a pessoa se encontra. A estruturação do espaço e das imagens dizem muito sobre os estados do ser e sobre o sentido de orientação no mundo. Delírios e alucinações podem influenciar para a abertura de uma pessoa para múltiplas visões de mundo e à desorientação em relação à realidade, bem como, para a interpenetração de imagens internas e externas.

Nise cita os estudos do psiquiatra francês Eugène Minkowski, quem aliou a abordagem fenomenológica ao estudo das psicopatologias e dissertou sobre as distorções do espaço e do tempo vividos a partir da experiência vivida de pessoas com transtornos mentais; o psiquiatra suíço Ludwig Binswanger também é citado, especialmente, porque “acentua que a experiência da espacialidade é essencialmente determinada pelo tom afetivo do momento” (SILVEIRA, 1981, p. 33), ou seja, o estado emocional de uma pessoa tem influência sobre as qualidades que ela pode perceber em um espaço; o historiador da arquitetura Sigfried Giedion também tem destaque por expor como a estruturação do espaço influencia na relação do indivíduo com o meio onde vive e como percebe a ordem cósmica. Essas mudanças podem ser averiguadas nas diversas noções acerca do espaço presentes em diferentes culturas, nas artes e nas ciências.

A relação do ser humano com a imagem não é patológica, mas saber distinguir as imagens internas das imagens externas é importante para entender a “situação emocional” e para definir o que consideramos como patológico em um estado do ser. Entre os estados do ser que chamamos “loucura”, “as imagens visualizadas no mundo interno apresentam-se com força tão convincente, que dominam o indivíduo, seja pelo terror ou pelo deslumbramento” (SILVEIRA, 2009, p. 38).

A proximidade das imagens com o inconsciente leva Nise a reafirmar, com base em Jung, a importância do estudo das imagens arquetípicas³³ e dos mitos, já que estes condensam e exprimem

³³ As imagens arquetípicas fazem parte do inconsciente coletivo, um reservatório compartilhado de imagens primordiais, herança dos impulsos instintivos humanos. Essas imagens inatas e imateriais formam a matriz para expressão da psique humana. Na obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Jung explica que: “O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é

“as mais intensas experiências da humanidade” (SILVEIRA, 1992, p. 86). A metamorfose, exemplo de intensa experiência humana, está presente nos mitos, nos contos de fadas, na literatura, nas ideias delirantes e no mundo da arte. Expressões como essas mostram que nas profundezas da psique a fronteira entre os seres não está separada. Nise cita muitos exemplos, como a arte gótica, Machado de Assis, Câmara Cascudo, *Orlando* de Virginia Woolf, *A Metamorfose* de Kafka, pintores surrealistas como Klee e Picasso que mostram metamorfoses entre os corpos humanos, vegetais, animais não-humanos e minerais.

Nise criou dezessete setores de atividades na Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico³⁴. Esses setores abarcavam trabalhos manuais, marcenaria, sapataria, tapeçaria, teatro, pintura, desenho, botânica, esporte, etc. Ela renomeia a terapêutica ocupacional para “emoção de lidar”³⁵ e repensa o que seria a terapia ocupacional, não mais como um trabalho monótono, mas algo que proporciona prazer. De acordo com Nise, as atividades terapêuticas devem ser meios para expressar e dar forma às emoções e aos conteúdos internos.

Além disso, Nise destaca ser importante atentar para os gestos, a face, as mãos da/o cliente, pois esse é o meio para conhecer com maior profundidade o seu estado do ser. A “emoção de lidar” vem, sobretudo, da emoção originada na manipulação multissensorial do material de trabalho. Nise cita as reflexões noturnas sobre a imaginação poética do filósofo francês Gaston Bachelard, conhecido por inventar uma estética ontológica a partir dos quatro elementos primordiais, símbolos

constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipo. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia (sic) do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação” por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como “pensamentos elementares” ou “primordiais” (JUNG, 2000, p. 53).

³⁴ Para mais reflexões sobre a terapia ocupacional praticada por Nise, ver a tese de José Otávio Motta Pompeu e Silva, intitulada “A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira”, UNICAMP, 2011; ver também o artigo “Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira” (2007) de Eliane Castro e Elizabeth Lima. Castro e Lima fazem a interessante afirmação de que Nise: “Ao deslocar a ênfase da psiquiatria hegemônica para a terapia ocupacional, fez deslocar, também, o foco principal das pesquisas no campo entre arte e loucura, da investigação psicopatológica e sintomatológica das produções dos doentes, para a construção de um método de tratamento para pacientes internos, e para a pesquisa em torno desse método e seus efeitos. Assim, a questão terapêutica ganhou um lugar de relevância, chegando a superar a importância da função diagnóstica” (2007, p. 373).

³⁵ Nise (1998) conta que um dia, um rapaz, Luiz Carlos, frequentador da seção de terapia ocupacional, em vez de entrar na sala de trabalho masculino, preferiu entrar na sala de atividades feminina, atraído por um pedaço de veludo estendido na mesa da sala. Ele manipulou o veludo, criou a forma de um gato e disse: “Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele em minhas mãos”. Nise explica que essa expressão foi o ponto de partida para substituir o termo “terapia ocupacional”, considerado por ela como uma expressão pesada demais.

da substância: fogo, água, terra e ar. Entretanto, Nise comenta que Bachelard não criou uma filosofia do ser, mas, sim, uma filosofia da obra; e entende que Bachelard descobriu que a “imaginação criadora escolhe de preferência uma substância para revestir-se” (SILVEIRA, 1998, p. 30).

Aqui entendo que Nise busca dar destaque para o conceito de “imaginação material” de Bachelard. Para entender isto, é necessário saber que o filósofo distingue a imaginação formal, a imaginação material e a imaginação dinâmica. E critica a imaginação formal como a mais acentuada na tradição metafísica, por ser aquela que se fundamenta no sentido da visão e utiliza a linguagem lógico-matemática. Esse tipo de imaginação é caracterizado pela desmaterialização e abstração. O indivíduo atua passivamente a partir da contemplação dos objetos.

Bachelard propõe, então, uma reflexão sobre a síntese entre a imaginação material e a imaginação dinâmica. A partir da imaginação material podemos entender o ser humano como uma artesã, uma trabalhadora, uma artista, uma alquimista, uma manipuladora da matéria, uma pessoa ativa cujas mãos encontram a matéria a ser transformada pela vontade de criação dela mesma. A vontade de criação também é relacionada com a imaginação dinâmica, que desmaterializa, traz movimento (como o fenômeno da sublimação do estado sólido para o gasoso) e promove a criação que se dá entre o real e o imaginário. O confronto com a matéria é necessário para o dinamismo, a superação das adversidades, atualização das imagens e abertura do ser humano para o novo. Sem os devaneios e os sonhos com a matéria temos a pura brutalidade.

Especificamente em relação aos psicóticos, Nise afirma que a comunicação com estas pessoas, em casos graves, é muito precária no nível verbal, de modo que, as relações e as atividades expressivas não verbais, como a pintura e a modelagem, conseguem criar outra via de comunicação. As pinturas, especialmente, podem comunicar como os psicóticos estão vivenciando o espaço e o tempo no estado do ser em que se encontram. Ao objetivar imagens, a pintura também ajuda a “dar forma” às emoções e despotencializar figuras amedrontadoras, além de mostrar as riquezas expressivas de um estado do ser perigoso, que a psiquiatria tradicional caracteriza limitadamente como um estado de “embotamento afetivo”.

Houve certo desconforto de Nise em relação aos colegas psiquiatras que julgavam que ela queria transformar a/os suas/seus clientes em artistas. Chegaram a dizer que ela entrava na calada da noite no hospital e substituía as pinturas das/os clientes por outras de pintores famosos. A psiquiatria tradicional, segundo Nise, entendia que as pinturas das/os psicóticas/os serviam apenas

para confirmar o diagnóstico da “ruína psicológica” e para ajudar no esclarecimento de sintomas da patologia. Em contraposição, Nise traça uma reflexão sobre se podemos chamar “arte” aquilo produzido pelos estados do ser da loucura. Se clientes psicóticas/os podem criar pinturas consideradas belas ou impactantes, tal qual grandes artistas reconhecidos no meio artístico, afinal, o que é a arte?

Nise evita utilizar a palavra “arte”³⁶, mas não consegue manter uma distância absoluta da reflexão sobre a estética. Ela restringe-se a falar em arte, especificamente, na relação terapeuta-doente e na abordagem do mundo intrapsíquico. Nise afirma que o seu trabalho não é uma “arteterapia”, por dois motivos: a) falar em arte implica uma valorização e atribuição de qualidades estéticas ao que é produzido. A terapeuta não quer que a/o cliente crie obras de arte, nem a/o cliente pinta pensando sempre ser um artista, e; b) implica também uma forma de “dinâmica orientada” e interventiva da/o arteterapeuta, o que Nise não aplica, pois prefere propor que as atividades sejam livres e espontâneas. As/os monitoras/es que estão presentes no espaço possuem apenas a função catalisadora e uma atitude simpática, mas não orientam o que deve ser feito ou pensado.

Os termos “linguagem e expressão plástica” ou “dar formas às emoções e às imagens do inconsciente” é preferido por Nise. Contudo, para além de reconhecer o valor da função terapêutica da arte, Nise chega a cogitar formas de classificar a arte produzida por suas/eus “clientes”. Ela cita os estudos do pintor e teórico da arte, Jean Dubuffet, criador da “arte bruta”, que designa as produções expressivas fora dos padrões e normas culturais de arte criadas por pessoas estranhas aos meios artísticos profissionais. Com base nas reflexões de Dubuffet, Nise expõe a distinção entre os “pintores ingênuos”, adaptados às normas sociais, são caracterizados por possuírem empatia com os objetos do mundo externo, “neles encontrando prazer e inspiração” (SILVEIRA, 1992, p. 89); e os “pintores brutos”, “que se voltam para representações interiores, por mais inquietantes que sejam” (SILVEIRA, 1992, p. 89).

³⁶ Esse ponto merece um comentário à parte. Entendo que Nise, às vezes, se aproxima de uma reflexão sobre a estética, enquanto um campo que discute o que é a grande arte ocidental e que privilegia a lógica visual (como colocado e criticado pela filósofa Yuriko Saito em *Everyday Aesthetics* - 2008), e se sente desconfortável para aliar essa visão sobre a estética com as reflexões sobre a prática terapêutica com a arte. Por outro lado, Nise parece tensionar a estética tradicional filosófica quando utiliza as reflexões de Jung e Bachelard, e quando, a partir da sua experiência na seção de terapêutica ocupacional, sugere a ideia da “emoção de lidar”; para mais reflexões sobre o tema, ver o texto de Frayze-Pereira, “Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política” (2003). O autor afirma que Nise mostra “uma aceitação tácita de que as criações dos pacientes são verdadeiras obras de arte, à medida que a autêntica obra de arte é, segundo Nise da Silveira, uma ‘produção impessoal’, isto é, uma expressão do inconsciente coletivo” (2003, p. 202).

Julgo que o receio de Nise em relação à arte se reflete em uma postura que busca repensar e ampliar a discussão sobre a estética, não somente para abranger expressões marginalizadas socialmente (com os estados do ser da loucura), mas também para mostrar como a força criadora e imaginativa dos seres humanos³⁷, bem como, as suas implicações éticas e políticas, são historicamente negadas e apagadas pela filosofia e psiquiatria canônicas.

“O que cura é, fundamentalmente, o estímulo à criatividade” (SILVEIRA apud MELLO, 2009, p. 105). O estímulo à criatividade e à imaginação incidem sobre funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique, que organizam e fortalecem o ser. E a cura também vem do afeto. “Sem a ponte firme de um relacionamento afetivo não há cura possível para os graves estados do ser da patologia psíquica” (SILVEIRA, 1992, P. 42).

Entendo, a partir de Nise, que as diferentes formas de expressão da imaginação, das emoções e do corpo possuem um valor epistemológico-terapêutico quando permitem que as pessoas conheçam os seus diferentes estados do ser. Essas atividades sozinhas não determinam a cura das/os clientes (e talvez o sentido de “cura” empregado por Nise não possa se dar em termos absolutos), mas trazem mudanças significativas em suas vidas; elas mostram caminhos para estados menos estranhos, desmembrados ou dissociados, e colocam em questão as concepções médicas que avaliam de forma apressada a deterioração mental, corporal e espiritual dos seres.

Infelizmente, Nise reconhece, o ensino universitário e o clima geral da opinião da época impermeabilizam esse tipo de estudo. Muito recentemente aumentou o interesse pelas imagens, como mostram as pesquisas de Hans Prinzhorn, Jean Dubuffet, Leo Navratil, E. Adamson e Margaret Naumburg. Entretanto, as atividades expressivas deveriam ser ofertadas para todas as pessoas e para todos os estados do ser, e não somente para aquelas/es que foram diagnosticadas/os (o que ocorre, ainda hoje, de forma muito precária).

Nise expõe que o Museu das Imagens do Inconsciente³⁸ segue a filosofia de Aldous Huxley, quem faz a crítica da deficitária educação ao nível não-verbal. Ela cita Huxley, quem diz que: “O que é necessário é um treinamento sobre os níveis não-verbais de nosso ser total que seja tão sistemático quanto o treinamento que atualmente é dado a crianças e adultos no nível verbal” (HUXLEY apud SILVEIRA, 1992, p. 94). E cita também as reflexões de críticos de arte como

³⁷ Talvez, a provocação de Nise seja mais ampla, pois ela não discorre apenas sobre os seres humanos, mas acerca dos animais também. Por exemplo, Nise comenta, em *Gatos: a emoção de lidar* (1998), sobre a capacidade de pintura que muitos gatos possuem.

³⁸ Trata-se de um centro de estudo e pesquisa que comporta um acervo com mais de trezentos e cinquenta mil obras criadas pelas/os suas/seus “clientes”.

Conrad Fiedler, Herbet Read e René Huyghe que falam sobre a importância das artes para o desenvolvimento humano.

5 Sobre os seres humanos em relação com outros seres vivos.

Já vimos que Nise critica a concepção cartesiana sobre a relação dos seres humanos com os animais³⁹. No que tange à Espinosa, Nise discorre na Carta III, da obra *Cartas a Spinoza*, que ela admira o pensamento do filósofo quanto ao aspecto dele considerar a alma dos diversos seres vivos para tratar das suas naturezas específicas e não classificar os seres hierarquicamente conforme as diferenças morfológicas (o que era uma prática comum da biologia e medicina modernas).

Nise aponta que na obra *Breve Tratado*, Espinosa defende que todas as coisas particulares possuem uma alma, “seja um punhado de areia, planta, animal, mulheres, homens” (SILVEIRA, 1995, p. 52). O filósofo estabelece que cada ser possui apetites e desejos peculiares à sua natureza. E que, diferente dos outros seres, o ser humano possui a capacidade mais ou menos apurada de *diferenciar* os seus próprios sentimentos e pensamentos. Neste ponto, Nise chega a questionar Espinosa se ele acharia admissível a possibilidade de pensar diferenciações das características essenciais específicas dos animais.

Mas Espinosa pontua um argumento que Nise discorda veementemente. O filósofo expõe ser útil e racional ao “homem”⁴⁰ se associar com outros “homens”, que possuem a natureza parecida com a sua, para que os seus espíritos e corpos sirvam ao esforço de conservação. Nise concorda com esta parte do raciocínio, mas discorda do que se segue: de que os “homens” possuem um direito natural sobre os animais, fundado na virtude ou poder (que Espinosa define como a essência do homem ou sua natureza), que dá legitimidade sobre a vontade e a utilidade de se servir dos animais como convier aos “homens”.

Nise conclui que Espinosa possui um desinteresse explícito pelos *modos* que diferem do *modo* humano, como os animais, e que o filósofo só estava interessado em conhecer os “homens”, porque são seres semelhantes que agem segundo a sua própria razão (e aqui estaria a limitada

³⁹ Nise usa o termo “animais” para falar dos animais não-humanos. Na minha exposição do texto, preferi utilizar, quando pude, o termo “animais não-humanos”, “seres vivos” ou “outros seres”.

⁴⁰ Espinosa e Nise utilizam o termo “homem” para falar sobre os seres humanos. Às vezes, Nise utiliza o termo “seres humanos”. Na minha exposição do texto, preferi utilizar, quando pude, este último termo.

perspectiva racionalista do filósofo⁴¹). Nise ainda afirma que os *modos* que diferem do *modo* humano seriam mais integrados à natureza, já que o *modo* humano é “muito inclinado a descarrilhar dessas leis” (SILVEIRA, 1995, p. 59).

Nise imagina um subtítulo para a *Ética* de Espinosa, que denomina como a “arte de diferenciação do *modo* humano” e o corrige dizendo: “todos os seres, todos os elementos da natureza, todas as coisas deveriam ser tratadas com reverência, ainda que nunca as confundíssemos com a substância divina. Assim estava certa que você pensasse” (SILVEIRA, 1995, p. 58). Ela reconhece que a ética de Espinosa não busca ditar regras morais e que o filósofo ensina a clarear os sentimentos e as paixões, bem como, desenvolver a razão para a conquista da liberdade. Entretanto, para Espinosa, “são semelhantes apenas os homens (sic) que, sob todos os aspectos, dirigem-se segundo a sã Razão. Unicamente estes poderiam viver de acordo” (SILVEIRA, 1995, p. 59-60). Nise acrescenta a seguinte pergunta para o filósofo: “Onde jamais você encontrou tais homens (sic)?” (SILVEIRA, 1995, p. 60).

Existe, portanto, um ponto lacunar na filosofia de Espinosa que tange a sua abertura para o reconhecimento e amor de todos os seres na sua metafísica da unidade. Nise apostava que a filosofia de Espinosa fornecesse uma “modalidade de religião metafísica” (SILVEIRA, 1995, p. 60), em que as relações dos humanos para com a natureza e com os animais não-humanos não fossem pautadas no domínio e na rivalidade. A partir dessas colocações, entendo que Nise considera ser importante repensar a relação entre os seres humanos e os demais seres, mas não a partir da ideia da superioridade do homem racional, e sim através do reconhecimento de uma ligação intuitiva, que também parece abarcar a capacidade imaginativa e a linguagem não verbal.

A obra *A Farra do Boi*, desenvolvida pelo grupo de estudos C. G. Jung, coordenado por Nise, mostra os aspectos violentos do massacre contra o boi, um evento mascarado de prática cultural que ocorria na Semana Santa no litoral de Santa Catarina. Tal prática foi denunciada na imprensa, em 1987, sensibilizando todo o país. Tratava-se, nada mais do que um ritual macabro de perseguição e tortura do boi, para então, dar o seu assassinato e compartilhamento da sua carne.

⁴¹ É interessante que Carol J. Adams, em *A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana* (2018), também cita e critica o posicionamento de Espinosa em relação aos animais. Adams afirma que: “A conhecida opinião de Espinosa era que ‘a objeção à matança de animais ‘se baseava numa superstição vazia e em ternura feminina, e não na razão bem fundamentada’. Conseqüentemente, não é de admirar que se veja o vegetarianismo como um projeto feminino e que ele seja equiparado ao *status* da mulher” (ADAMS, 2018, p. 124). Este trecho citado por Adams está em *Ética*, de Espinosa, na quarta parte, proposição 37. Mas diferente de Nise, Adams enfatiza o aspecto de como Espinosa apresenta a defesa dos animais como algo característico ao “feminino”.

Galhos, pedras, fogo eram utilizados para machucar o boi. A prática foi crescendo ao ponto de não ocorrer apenas na Semana Santa e se tornar corriqueira.

As pessoas que participavam da Farra do Boi tendiam a negar o aspecto violento. Nos discursos que buscavam legitimar tal violência enquanto prática cultural é possível perceber a relação entre a violência contra os animais e contra as mulheres na fala de um entrevistado na década de 1980: “Se não praticarem a Farra, os pescadores iriam bater mais na mulher e seriam mais violentos com os amigos”. Nise e as/os diversas/os pesquisadoras/es que escreveram sobre o assunto, buscam revelar os aspectos psicológicos envolvidos no que consideram ser uma regressão instintiva, social e de valores que acompanha a Farra do Boi, e que a difere de outras festas e manifestação lúdicas e artísticas que tem o boi como personagem principal, e que ocorrem em todo o Brasil, como o Boi Bumbá, o Bumba-meu-boi, o Boi de Mamão, etc.

Nise também foi pioneira ao sugerir que os animais não-humanos atuassem como co-terapeutas. Em 1955, ela buscou observar as pontes afetivas entre as pessoas esquizofrênicas/os com os animais não-humanos, iniciando com uma cadela abandonada, a qual deram o nome de Caralâmpia. Nise entendia que existe uma relação não-verbal entre os seres que precisa ser vivida e compreendida.

No livro *O Mundo das Imagens*, ela conta um pouco sobre a experiência de introduzir animais não-humanos no Centro Psiquiátrico Pedro II. Ela relata que recebeu comentários grosseiros da parte de seus colegas psiquiatras. E ocorreram atentados contra os animais, alguns foram eletrocutados, abandonados, envenenados e enxotados. Nise comenta que isso não ocorria só no hospital, mas também nas ruas. Ela observava, na sua época, um discurso de que os animais não-humanos eram transmissores de doenças diversas e deveriam ser simplesmente eliminados. Ela diz, com ironia, que isso ocorria como se as autoridades fossem esterilizadas, pois esqueciam que “os homens” também transmitiram e transmitem doenças, como no caso do extermínio dos povos indígenas durante a colonização portuguesa.

Gatos, cachorros, peixes e pássaros podem ser co-terapeutas em hospitais, permanecendo lá ou aparecendo em visitas esporádicas. Além de levar vida aos hospitais, Nise cita estudos⁴² que informam que o nível de medicação e os índices de violência diminuem com a presença de animais não-humanos no local; e o nível de mortalidade de doentes cardíacos é menor do que das pessoas

⁴² Nise assinala os estudos pioneiros sobre a psicoterapia com animais, como S. Corson, J. Linch e E. Freidmann.

que não possuem a presença de animais não-humanos. Tais estudos apontam que o contato e o relacionamento do ser humano com outros seres vivos é essencial para a saúde.

Nas palavras de Nise: “Todo ser humano tende interiormente a esforçar-se para crescer, para universalizar-se. E universalizar-se significa encontrar ligações a seres e coisas, mesmo aquelas que pareçam distantes dele mesmo” (SILVEIRA, 1992, p. 112). Antes do desenvolvimento das civilizações e em comunidades que não apresentam a cosmopercepção⁴³ ocidental, é possível encontrar uma proximidade maior na relação dos seres humanos com os animais não-humanos⁴⁴. Nise entende que a divisão ocidental dos reinos da natureza em conjunto com a concepção do animal-máquina de Descartes ajudou a criar uma concepção de mundo arrogante e a fomentar o desejo de controle, distanciamento e dominação da natureza. Classificaram o “louco”, assim como o “animal” como seres inferiores, e suas expressões e gestos de sofrimento perderam o sentido e foram apagados.

Com base nas obras de Jung, Nise comenta que sob o aspecto psicológico, trata-se de um sentimento de inferioridade em relação ao próprio lado instintivo humano que se busca expurgar ao considerar o animal não-humano como um ser inferior. Conforme Nise, esse lado instintivo do ser humano, que faz parte da metamorfose ontológica do ser, foi reprimido violentamente de diversas formas e tem relação com a violência contra os “loucos”, os animais não-humanos e, também, contra as mulheres. A seguir, esse é último ponto a ser abordado neste texto.

6 Sobre a relação simbólica entre os gatos, as mulheres e a loucura.

Por último, apresento uma questão que entendo que está no fundo de toda a discussão filosófica do pensamento de Nise. Trata-se da relação simbólica entre os gatos, as mulheres e as pessoas consideradas “loucas”, e com a ideia de metamorfose ontológica.

Nos livros *O Mundo das Imagens e Gatos – A emoção de lidar*, Nise conta que, desde as religiões egípcias, os gatos e as mulheres são simbolicamente associados. Ela retoma as histórias

⁴³ Tomo emprestado o termo de Oyèrónké Oyěwùmí, que em *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021), entende que o termo “cosmovisão” carrega o privilégio da lógica visual no ocidente e pode ser eurocêntrico quando usado para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. Então, o termo “cosmopercepção” seria melhor para descrever a lógica cultural de outras sociedades.

⁴⁴ Neste sentido, é importante citar a filosofia de Ailton Krenak. Em *Encontros: Ailton Krenak* (2015), organizado por Sergio Cohn, Krenak enfatiza como todos nós vivemos em um lugar só, como uma aldeia, uma maloca, uma canoa. O cosmos é um lugar só. Entretanto, Krenak denuncia, os seres humanos estão depredando e colocando em risco a vida do planeta.

das deusas Sekhmet, Pekhet e Tefnet que podem se metamorfosear na deusa com corpo de mulher e cabeça de gata, Bastet, com personalidade doce e amável. Entretanto, Bastet também pode assumir um aspecto feroz, com cabeça de leoa. Essa transformação de uma deusa que, em um dado momento pode ser dócil e amável como um gatinho (representação dos impulsos integráveis), e em outro momento pode ser feroz e terrível como uma leoa caçando (representação dos impulsos e afetos indomados), exprime o princípio da mutabilidade do ser, que é, historicamente, um princípio associado ao feminino. Novamente estamos tratando da “metamorfose ontológica” da qual Nise aborda quando defende uma abordagem não ortodoxa da loucura. Nas palavras de Nise:

(...) nessas metamorfoses das deusas, os egípcios exprimiam em imagens a verdade psicológica do eterno jogo de antagonismos, da luta de opostos, do predomínio momentâneo de um dos dois polos contrários inerentes à psique humana e talvez ainda mais peculiares à mulher” (SILVEIRA, 1998, p. 24).

Em *Gatos – A emoção de lidar*, Nise comenta sobre a pintura do pintor romeno surrealista Victor Brauner (aquela que foi comentada por Antonin Artaud). O nome da pintura é “Mulher como Gata”, de 1940. Nise diz que com essa pintura Brauner conseguiu expressar o conceito mais preciso de esquizofrenia. “Uma figura feminina é metade mulher, metade gata e de seu seio nasce uma flor. Victor Brauner revela assim que conhecia as profundezas do inconsciente” (SILVEIRA, 1998, p. 31).

Já em *O Mundo das Imagens*, citando Jung, Nise explica que um dos primeiros representantes da Deusa Grande Mãe, uma deusa com aspecto tríplice, é o gato⁴⁵. Segundo Nise, as três deusas que são, na verdade, uma só, a jovem, a mãe e a velha (que também representam o tempo cíclico vida-morte-renascimento) expressam as qualidades essenciais do gato: feminilidade esquiva juvenil, modelo de ciumenta dedicação materna e caráter noturno.

O que Nise está apontando nessas obras é que existe, portanto, uma relação histórica entre as divindades femininas com o símbolo do gato, que perpassa pela metamorfose ontológica. Com a ascensão da civilização greco-romana, o prestígio cultural e espiritual dos gatos perde relevância, assim como se perde o equilíbrio entre a natureza e o espírito, pela repressão dos instintos e conquista da consciência racional.

Com o avanço do cristianismo, Nise afirma que o animal também perdeu o seu protagonismo. No Medievo, o culto da Virgem Maria é o culto de uma mulher purificada e

⁴⁵ Nise também desenvolve uma reflexão sobre o simbolismo do gato nos sonhos em relação com os princípios *animus* e *anima* derivados da psicologia analítica de Jung, o que não é abordado neste texto.

idealizada, que advém de uma prática mais antiga em homenagem à *Mater* Pagã, ligada à terra, aos bichos e vegetais. No período medieval, as mulheres também foram acusadas de bruxaria e queimadas na fogueira, pois a imagem da feiticeira tinha a projeção da sombra do arquétipo da *Mater* pagã. O gato era associado a aspectos da *Mater* pagã e foi perseguido, assim como as bruxas. Era comum pensar que as bruxas se transformavam em gatos; que os gatos participavam dos rituais mágicos; que os demônios encarnavam nos gatos; que os gatos tinham a mesma natureza que o sangue menstrual das mulheres; e os gatos eram comumente queimados vivos no lugar de bruxas e demônios.

Com base das reflexões de Jung, Nise explica que os instintos e as imagens arquetípicas são opostos que estão relacionados. Enquanto os instintos são ações fisiológicas, os arquétipos são disposições para configurar as imagens que dão sentido aos instintos. Segundo Nise:

Instinto e arquétipo são opostos de alto potencial energético. Movendo-se entre eles, os processos psíquicos buscam equilíbrio e, em seu jogo, também aqui, tal como acontece em todas as oposições, poderá ocorrer que os extremos se toquem. Quem trabalha para a integração de sua própria personalidade terá de confrontar-se com instintos e arquétipos. A confrontação com os instintos, com “o animal em nós”, deve ser feita modestamente, sem repulsas pretensivas. Precisamos aceitá-los como uma realidade inerente à nossa condição biológica. Isso não significa deixar que a consciência caia no domínio da esfera instintiva. Seria regredir. Seria tornamo-nos escravos de forças compulsivas, perdendo a energia psíquica que o homem (sic) pode conquistar para dela dispor a fim de aplicá-la em atos livres. Viver capturado na esfera instintiva é o que Spinoza chamava “servidão humana”. Conhecendo o “animal em nós”, será possível evitar seus ataques imprevistos. O procedimento mais eficaz para escapar a tais assaltos é estar em harmonia com o aspecto instintivo sempre presente na natureza humana (SILVEIRA, 1992, p. 119).

Nise continua a explicação expondo que essa harmonia instintiva deve ser incorporada pela integração das imagens arquetípicas. E as lutas ecológicas modernas revelam uma elevação do nível da consciência humana, pois traduzem uma visão da unidade de todas as coisas.

Outra mudança identificada por Nise tem relação com a veneração à Maria, que tem ganhado expressão singular em nossa sociedade, especialmente com a proclamação do dogma de Assunção de Maria em 1950, quando a Igreja Católica reconhece que o corpo e alma de Maria sobem ao céu. Nise cita os estudos de Carl Jung e Leonardo Boff para falar sobre as mudanças na vida psíquica coletiva, que revelam uma evolução da consciência humana quando o princípio feminino, a mulher, representada por Maria, ocupa um lugar relevante perante a trindade masculina (Pai, Filho e Espírito Santo). Ela relaciona essa transformação da psique coletiva com os estudos da

física moderna⁴⁶, que apagam as fronteiras entre “aquilo que o século XIX chamava real e irreal, natural e sobrenatural” (SILVEIRA, 1992, p. 157).

Maria representa a matéria, o corpo e a natureza penetrando o espírito. E isso pode representar que os conteúdos do princípio feminino, que foram reprimidos, tal como o “animal em nós”, irrompem em nossa época. O princípio feminino junto à trindade é o quarto estágio da consciência coletiva⁴⁷, quando matéria e espírito não são mais opostos e devem ser duramente vivenciados enquanto rejeição das verdades absolutas. Segundo Nise, essas transformações ocorrerão com dificuldades, confusões e sofrimentos, pois demandam uma “reorganização das qualidades representadas pelo três numa nova estrutura unificadora de natureza quaternária” (SILVEIRA, 1992, p. 164).

Novamente Nise retoma a questão espiritual já citada no debate com Espinosa. De acordo com Nise, Espinosa também estabelece em sua filosofia um “Deus infinito” que é a causa imanente de todas as coisas e que difere do “Deus pessoal”, bíblico, criador do mundo. Ela mesma chegou a afirmar que “o seu Deus” não é o Deus patriarcal estabelecido na cultura cristã-judaica no Ocidente, mas um Deus mais parecido como concebe Espinosa. Nesse sentido, Nise entende ser necessária uma consciência intuitiva da unidade de toda a vida, o que pressupõe um devotado trabalho religioso, “se tomarmos religião no conceito antigo da palavra *religio*: cuidadosa consideração de ‘poderes’ dominantes” (SILVEIRA, 1992, p. 120).

Entendo que se trata, portanto, de um trabalho religioso que tem por base uma ideia de divindade que comporta, não apenas os diferentes estados e metamorfoses do ser, mas também a continuidade entre os seres. Uma continuidade entre matéria e espírito que não exclui nem dá suporte para a violência praticada contra as mulheres, os animais, a natureza em geral e as pessoas consideradas loucas.

⁴⁶ “Agora, as próprias leis da gravitação universal, estabelecidas por Newton, haviam sofrido modificações introduzidas pela teoria da relatividade. O indivisível átomo revelara-se divisível. Verificou-se que a matéria tem comportamento diferente na escala da macrofísica ou na escala da microfísica. Os elétrons conduzem-se às vezes de maneira tão perturbadora que os físicos passaram a falar em probabilidade e em incerteza. A luz não se apresenta apenas sob a forma de onda. Ela também se apresenta com características de corpúsculos, que foram chamados fótons. Einstein demonstrou que matéria e energia são equivalentes. O tempo deixou de ser uma grandeza absoluta, pois, quando se trata de medir grandes velocidades, o tempo cresce com a velocidade. O tempo é relativo. Sem dúvida, esses conceitos abalam nossa segurança” (SILVEIRA, 1992, p. 157).

⁴⁷ Nise explica que Jung delimitou o primeiro estágio, que corresponde ao Pai, como uma consciência passiva, infantil, sem reflexão, com leis absolutas e castigos; o segundo estágio corresponde ao Filho, que na tentativa de se diferenciar do Pai, traz a reflexão, a crítica e a dúvida; o terceiro estágio corresponde ao Espírito Santo, onde se inicia a escuta do inconsciente e as intuições; o quarto estágio corresponde a Assunção de Maria, “como expressão de um movimento que vem de raízes inconscientes, no sentido de aproximar o feminino da trindade masculina” (SILVEIRA, 1992, p. 161).

Considerações finais

Espero ter contribuído com alguns delineamentos do pensamento da nossa filósofa-psiquiatra brasileira. Trata-se de uma pensadora pouco estudada no campo da filosofia no Brasil e que possui livros que são de difícil acesso, pois alguns já não são mais editados. A partir daqui, entendo que cada tópico mereceria um aprofundamento devido, porém, no momento, minhas limitações não me permitem continuar.

Nessas considerações finais não trago afirmações, mas levanto algumas questões que apareceram ao longo da minha pesquisa e que permanecem comigo. São as seguintes: quais as implicações ontológicas da definição metamorfoses do ser? Como se dá a relação do ser com a patologia? O que é a arte? Como compreender a força criativa dos nossos corpos? O que é a emoção de lidar? Qual a importância da relação com outros seres vivos para a nossa existência? Como entender as nossas relações éticas e políticas a partir das metamorfoses do ser? “Como nos educar para a impermanência e a vivência estética do efêmero, apesar de nossas tentativas de controle dos valores éticos, políticos e estéticos?”⁴⁸ Seria esse um passo importante para a garantia do direito à saúde mental e a democratização do cuidado? Qual é o papel da imaginação para a educação e o bem-estar dos seres vivos? Por que não temos instituições e espaços pensados como ambientes acolhedores para o desenvolvimento e expressão das forças criativas⁴⁹? Porque os espaços que existem com propostas similares são tão precários ou privados?

Por fim, entendo que Nise nos ajuda a compreender um processo de empobrecimento estético dos seres humanos. Um empobrecimento tão grande das forças criativas, que tais seres não reconhecem mais gestos e expressões de vida e sofrimento de outros seres ao seu redor. E por tudo isso, sinto que ainda estou muito longe de compreender as profundas implicações das reflexões propostas por Nise da Silveira.

⁴⁸ Empristo esta questão da professora Janyne Sattler, formulada no podcast que fizemos sobre a filosofia de Nise da Silveira e Yuriko Saito, junto com Kariane Marques e Jean Senhorinho. O podcast pode ser acessado aqui: <https://germinablog.wordpress.com/2021/11/04/nise-da-silveira-e-yuriko-saito-podcast-uma-filosofa-por-mes-2/>

⁴⁹ Em 1961, Nise apresentou um projeto de lei para o presidente Jânio Quadros, que propunha a ampliação das atividades que realizava e incluía em todos os hospitais do país uma seção de terapêutica ocupacional. Quadros aderiu, assinou e publicou o decreto. Porém, no mesmo ano foi obrigado a renunciar ao governo federal.

Referências

- ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- ALCOFF, Linda; POTTER, Elizabeth. *Feminist Epistemologies*. New York: Routledge, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaios sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTRO, E. D., & LIMA, E. M. F. A. (2007). Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(22), 365-376.
- COHN, Sergio. *Encontros: Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A. (2003). Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estudos Avançados (USP)*, 17(49), 197-208.
- GABRIEL, Guiomar; TEIXEIRA, José A. Carvalho. Ronald D. Laing: A política da psicopatologia. *Análise Psicológica*, 25(4), 661-673, 2007.
- GUIMARÃES, Jacileide; SAEKI, Toyoko. Sobre o tempo da loucura em Nise da Silveira. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(2):531-538, 200.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MELLO, Luiz Carlos (Org). *Encontros: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.
- MELO, Walter. Apaixonados pelo infinito: Nise da Silveira, contemporânea de Spinoza. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(2), São João del-Rei, agosto/dezembro 2010.
- OYĚWÚMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SAITO, Yuriko. *Everyday Aesthetics*. Oxford University Press, 2007.
- SALLES, Lucio L. B. M. Nise da Silveira, Filósofa da Alma. *Ensaio Filosóficos*, Volume X – Dezembro/2014.
- SCHLEDER, Karoline; HOLANDA, Adriano. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XXI(1): 49-61, jan-jun, 2015.*
- SILVA, José O. M. P. e. *A arte na terapêutica ocupacional de Nise da Silveira*. Tese de doutorado. UNICAMP, Instituto de artes, Campinas, SP. 2011.
- SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- SILVEIRA, Nise da (Org). *A farra do boi: do sacrifício do touro na antiguidade à farra do boi catarinense*. Rio de Janeiro: NUMEN Editora, 1989.
- SILVEIRA, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- SILVEIRA, Nise da. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- SILVEIRA, Nise da. *Gatos: a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.
- SOUSA, Erick Miranda de. A arte da diferenciação do modo humano. Nise da Silveira: o elo perdido entre duas tradições. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, 1º sem. 2021.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

